

ACAJÁ

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

O progresso da intelligencia é infallivel havendo liberdade de fallar, escrever e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Anno I.

Quarta-feira 15 de Maio de 1861.

N. 13

ACAJÁ.

O jornalismo é semelhante ao batel que se desliza placido e sereno em mares bonancosos, enquanto não é impellido ás montanhas de recifes e abrolhos pelas vagas enraivecidas e impias, que o envolvem em seus enovelados escarcãos.

Feliz, pois, aquelle que pode sempre affrontar as tempestades, que se lhe antolhão na existencia, e que depois de muito pugnar, consegue abordar ao porto desejado!

Mas ai d'aquelle que vento iroso bate e sobra em meio da viagem e que não deixa de si mais vestígios que os destroços esparços pelas praias que circumdão o sitio em que brilhava o fanal que lhe servia de guia, ou uma recordação triste e amarga!

Assim acontece ao jornalismo; avulta-se, propaga-se, diffunde-se por todas as partes, enquanto as ondas do marasmo e do indifferetismo popular não o detem em viagem, e não o arremessão ás rochas do nada!

Mas, logo que o espirito progressista e litterario ache um lugar seguro onde se abrigar, e preencha o vacuo que soe haver em todos os corações humanos, então o incremento é certo, e o jornalismo deixa de ser uma chimera, e consegue chegar ao lugar que verdadeiramente lhe compete.

Nós, marinheiros de primeira viagem, muito tememos das contrariedades dos ventos, pois já temos visto muitas vezes no horizonte que nos guia, bulcões de nuvens pardacentas prestres a se desfazer em borrasca horrivel, mas que, com

a graça dos nossos Deoses, logo se dissipão, e nos deixão seguir serenamente o rumo de nosso itinerario ao sem beatifico das celeumas que elevamos aos céos em acção de graças pela salvação de nossas vidas!

Já dobrámos o primeiro promontorio sem sermos presas do temporal; não sem grande risco dobrámos o segundo, e da mesma forma esperamos dobrar todos os demais que ainda temos, se não formos batidos pelo aquilão ou vendaval infrene que nos faça naufragar.

Eis-nos pois encetando o terceiro periodo de nossa esmarrida existencia. Prometter mais do que aquillo que poderíamos dar, seria uma acção digna de censura; nesse caso só demonstraremos os anhelantes desejos que temos de o poder fazer, logo que estivermos em estado de cumprir as nossas promessas.

Concluiremos desta, como é as outras vezes, depondo aos pés dos nossos encorajadores e irmãos, os sagrados protestos de nossa eterna sympathia e gratidão.

Firme em seo proposito de noticiar sempre qualquer tentativa litteraria que appareça ou algum trabalho novo de algum joven escriptor, vem hoje a redacção desta folha dar-vos conta da publicação de mais um mimoso trabalho da já bem conhecida penna do Sr. Bruno Seabra.

O intelligente autor da *Açucena* (*) reunio em um só volume as paginas que uma a uma publicára na *Marmota*, e fazendo dellas um livrinho de mais de 100 paginas, offereceu-o ao juizo im

(*) Vide *Acajá* n. 12.

parcial da crítica litteraria. Aos escriptores abalizados e de reputação estalecida, cabe dar-seo parecer a respeito, apoutando ao autor os erros que commetteo e dar-lhe as palmas que mereceo.

Nós, porém, que consideramos o *Paulo* como o primeiro irmão de outros que hão de vir apoz elle, e que o julgamos um novo e vivo rebentão no campo do romantismo brasileiro, o saudamos, cheios de verdadeiro sentimento de satisfação.

Bem vindo, pois, seja o livro do Sr. Bruno Seabra, porque, (não podemos deixar de confessal-o e com bastante pesar) o numero de nossos romancistas é limitadissimo em relação ao dopectas que tem s. Bem vindo pois seja elle, e saudamos jubilosos seo autor, fazendo votos para que nos sejam porporcionadas mais occasiões de lhe tribuarmos nossos merecidos encomios, e que o desanimo lhe não venha fechar as azas á imaginação.



CARTA INTIMA.

I.

Meo Caro João.

Leste o meo — Eu soffro. —

Mas uma vez entendeste que me devias dar uma prova de tua firme amizade. Solicito vens á mim indagar os meos soffrimentos.

Ouve, pois, esta confissão.

Atento aos sentimentos do meo coração, estou convencido que, se o lenitivo para o meo *soffrer* estivesse em tuas mãos, eu já ha muito estaria livre delle. Estou seguro da generosidade de tua alma; a tua *charidade* está sempre prompta para os que a buscão: — que muito era que a exercesses comigo, para com quem tua amizade não offerece o menor vislumbre de duvida.

Mas, não; tu, como todos, ignoras o meo soffrimento; o meo alivio não depende de ti, e nem mesmo sei em que mãos elle pára.... De mais, estou resignado — reconheço que é natural da vida o *soffrer*, e eu o quero, para melhor avaliar o quanto me custa, se algum dia forem realizados os meos sonhos....

Estou fallando contigo uma linguagem por demais enigmatica e impropria da nossa amizade: não é assim, meo amigo?...

Desculpa-me — não está em mim, ainda que o quizesse, dar expansão ao meo *genio*; fazer com que o meo coração fallasse, ainda mesmo com um caro amigo, como tu és! Um poder, para mim desconhecido, o subjuga; e, tretanto até hoje, eu o creio, elle não se dirigio á pessoa alguma: está tão puro, eu tambem o creio, como o primeiro beijo que recebo de sua idolatrada mãe; vive no exilio, e nunca recebo o menor aceno de compaixão, que attenuasse a sua dor! Oh! bem ao contrario; os seus oppressores são as mais das vezes verdadeiros tyrannos!.... Torturão-o; escarnecem delle com os seus desdens! Quando elle, misero coração, vê pairar em uns labios roseos e puros um sorriso, pensa ver uma commutação para tanto *soffrer*! Qual! terrivel desengano!.... pobre coração!... Esse sorriso que a tua pureza traduz por... innocencia, candidez e benevolencia, tem innumeradas traducções — quer dizer — tyrannia!... hypocrisia!... dissimulação!... traição!... tática!... e até, quem sabe? — *absoluto dominio para melhor.... governar!*

Oh! meo amigo! como viver assim?...

Perguntas-me se acaso *amo*?...

Oh! esta pergunta, tão simples, tão natural e tão innocente, deixa-me em verdadeiro embaraço!.... A' essa pergunta, que, dirigida á qualquer ente, por mais innocente que fosse, obteria uma resposta — affirmativa ou negativa — feita a mim não te posso responder senão — Não sei — Não sei o que é amor!...

Não te recites contra esta minha ingenuidade, se ingenuidade se póde chamar, — ella é natural: tantos são os delinidores que se têm occupado da materia, que eu lendo-os e ouvindo-os, reconheço a palpavel discordancia que existe nesses pensamentos, e nunca me harmonisei com nenhum!..

Serei em demasia exigente?....

Concedo que o seja; mas nunca senti o que elles dizem que sentem, *ou que já sentirão*; não experimento o que *gabão-se de estarem experimentando, ou que já experimentarão!*... O que se passa em mim e comigo, é tudo novo, e creio mesmo que existencia igual nunca houve e jámais haverá!

Seismando, absorto, convengo-me da minha myopia; procuro uma *lente* e não encontro nenhuma que me esclareça. Busco, qual cego, um guia.... isolamento completo! — não encontro... Eis-me no centro de um *labyrintho*, ignorando que senda devo seguir, para tocar em uma das *extremidades*... serei porém cauteloso e delicado para não offender as innocentes florinhas que fazem os encantos desse *labyrintho*.

Mas..., meo amigo, tudo isto parece-me um

souho !... A fatalidade quer-me convencer que é o meo unico guia ; — apresentou-me em uma impenetravel verêda, semeiada de contradiçôes, e disse-me—Eia, segue !

— Até aonde ?...

— Nada sei, nada te direi ; segue — o destino te mandará parar ; a sorte estará sempre á teu lado l...

— Segue !...

Eis-me, servo submisso, á caminho, em luta com difficuldades que me parecem invensiveis...

Em toda essa longa peregrinação de mais de... já não me lembra, só tive ultimamente uma palavra de animação, como que partida da boca de um anjo, que deo-me alento a proseguir. Ouvi apenas o som, como que divino, que soprou nos meos ouvidos : elle me é desconhecido ; ignoro que amena briza o trouxe, e que direcção depois tomou.

— « Não desanimes, mancebo, e.... es pera !... »

Dar-se-ha caso que estas palavras cheias de animação fossem á mim dirigidas ?

Dar-se-ha caso que quem assim fallou estivesse condemnado ao mesino soffrer ?...

Oh ! meo Deus, livrai-me desse viver impossivel de incoherenza l...

E se o fôr ?...

Oh ! então, coração generoso, alma charidosa, eu vos agradeço... permitta Deos que sejais mais bem fadada neste mundo, do que eu !

O vosso procedimento é grande e nobre l...

Mas, não ; o acaso, talvez, só o acaso vos fez seguir um caminho quando o vosso destino era outro, e, quem sabe ? talvez já vos arrependes-seis depois de ter reconhecido o engano. As almas generosas, porém, são sempre tão orgulhosas de suas boas obras, que vos creio hoje ufana do serviço que prestastes, do bem que fizestes.

Nesse caminho deparastes com um ente, que, inanimado, extenuado de forças, supportava o cansaço de uma penosa viagem ; mas em cujo coração ainda não tinha penetrado « a descrença, esse veneno subtil e sempre fatal ; » nelle existia essa sagrada e fortalecedora aragem com que Deos bafeja o coração humano — A ESPERANÇA ! — ; estendestes vossa mão philantropica levada pelo instincto de um coração cheio de charidade ; despertastes dessa lethargia em que vivia esse ente, e com vossas palavras, destelhe forças e animo, a seguir — Não desanimes... e espera .

Palavras de Deos. — Tomo o vosso conselho e agradeço-vos ; estou animado, e...

« Mulheres.... mulheres.... objecto querido e functo que a natureza creou para nosso cas-

tigo ; vós produzis as tempestades que atormentão o genero humano, »

Perdôa-me, meo amigo, se por um momento desviei-me de minha narrativa.

Neste momento tive uma noticia. A pena foi-me arrebatada da mão...

Novo horizonte raiou na minha existencia... Serei mais feliz ?... E porque não o heide ser ?...

Tudo te explicarei breve... agora deixa-me... deixa-me... que tenho a cabeça devorada pela chamma... da vaidade...

Sou verdadeiramente feliz, e isto basta para tua e minha tranquillidade.

Pelo coração.

Sou todo teu.

João.

A FLOR MYRRADA.

(Folha solta.)

C...

Escuta !

Tu te lembras ainda daquella perpetua roxa que me dêste como lembrança, quando de ti me apartei ?

Lembras-te da significação que lhe dêste ? Foi constancia eterna ! E essa flor está myrrada !

Pobre flor !... como era bella !

E assim foi o amor que me consagraste... a ausencia o fez murchar !

§

Durante essa bella estação de nossos amores, sentia meigos enlevos e cria em tuas ternas fallas... porém agora, não !

Não creio !

O teu amor é falso... é como a luz amortecida que em breve se apaga.

§

Não forão essas as promessas que me fizeste, na ultima hora em que meos deslumbrados olhos puderão contemplar-te... Na hora em que te dediquei os ultimos adeoses, quando uniste o teu seio de velludo ao meo peito palpitante !

Lembras-te quando beijei tuas bellas mudeixas ondeadas, que soltas roçavão por teos mimosos hombros, e quando, fugitivas pela brisa, pousavão em meos labios sedentos, e então mil vezes tímido beijei-as ?

Lembras-te quando com tuas mimosas mãos mais alyas que o jasmim, apertando as minhas,

estremecias, quando com tua pallida face pousada em meos enfraquecidos braços, como a leve flor nas ondas agitadas, e nessa hora teos labios de coral ternas juras me fazião, e deste-me aquella mimosa florinha roxa como as saudades que sinto por ti?

Lembras-te ainda?

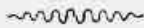
§

Mas essa flor está resequida pelas tuas ingratições.

Ella hoje faz-me comprehender que essas lacrimas e essas juras talvez sejam offerecidas, como a mim, a outro que, com magica languidez, roubasse o coração que me pertencia!

Rio, 3 de Maio de 1861.

JUVITA D. SILVA.



Consequencias de um casamento infeliz.

ORIGINAL BRASILEIRO POR E. B.

IV.

« Era eu bem joven quando perdi minha mãe, e foi esta a primeira desgraça que me sobreveio. Na minha idade não podia aviar toda a força de-ta infelicidade; não obstante chorei muito, e me ficaram gravados na memoria todos os mais insignificantes acontecimentos que se derão neste dia fatal. Ainda hoje me parece estar vendo minha mãe, deitada ao comprido, com as feições decompostas pela mão da morte, pallida como o marmore, com os olhos mal fechados como que procurando ainda vencer o sono eterno, e olhar para mim afim de proteger-me. Seos labios arroxeados, parecião sorrir-me, seos cabellos soltos, espalhavão-se sobre seo travesseiro funereo. Cheguei-me a ella, chamei-a duas vezes, mas ella não me respondeu. Tomei sua mão gelada, e cobri-a de lagrimas. Depois vierão buscar-a em um caixão, e conduzirão-n'a em um carro. Cruel realidade da vida! Ah! minha mãe quão tarde te hei chorado! Devias ser o meo anjo da guarda, mas Deos, nos seus Arcanos, te julgou necessaria na sua corte Celeste!

« Fiquei dahi em diante entregue aos cuidados de meo pai que me amava muito, mas tão moço que não comprehendeo toda a responsabilidade que tomava na maneira de educar-me.

« Em breve uma nova affeição teve ingresso em seo coração e elle julgou indispensavel dar-me uma madrastra.

« Passarei em claro os tormentos, e toda a cas-

ta de humilhações que me inflingio minha madrastra, que tomou uma tal ascendencia sobre o caracter fraco de meo pai, que a mais pequena queixa que eu della lhe fizesse, era desattendida; e ficava olhada como uma menina rebelde.

« Todas estas decepções nos primeiros annos da vida, quando o coração ainda novel, deve receber impressões doces e agradaveis para tornar-se um dia o orgão da felicidade, fizerão-me olhar para a vida com profunda descrença no futuro. Felizmente herdei a indole docil de minha pobre mãe, senão, em vez desse indifferentismo, talvez me sobreviesse o amor da vingança e assim podia commetter um crime.

« Havia em casa uma escrava que me tinha crecido de leite, e que sempre fora ligada a minha mãe, de quem tinha sido companheira d'infancia. Essa preta, digna de elogios por sua moral, e rara na sua especie, era a unica amiga em cujo seio eu desabafava meos males. Minha madrastra tinha tido de meo pai, duas filhas, essas que ainda tem, com as quaes fallaste tambem em casa da Baroneza de O. Lembras-te?

— Sim e por signal que muito antipathizei com ellas; mas, continua, minha Laura, proferio Ernesto.

« Minhas irmãs, continuou Laura, forão prohibidas de se chegarem a mim, por sua mãe, para não adquirirem meos máos costumes, dizia ella; por consequente tornarão-se em breve minhas inimigas, e não perdião occasião de augmentar meos pezares, dirigindo-me insultantes epithetos. Só Catharina, minha mãe preta, se condoia da minha triste sorte!

« Quando cheguei á idade em que na mulher o uso da razão se vai desenvolvendo, já a minha se achava prematuramente formada á força de soffrimentos, e portanto meo caracter era taciturno e melancolico.

« Como não tinha outras distracções mais que os livros, aproveitei com ardor as lições que recebi dos mestres, que não sei como me derão, e brevemente me declararão prompta.

« Quando acontecia alguma das visitas chegar-se a mim e que eu por politica, não podia esquivar-me de continuar alguma conversação que comigo encetavão, os olhos de minha madrastra dardejavão chammas de cotera e odio. pois persuadia-se que eu roubava ás suas filhas as horas de espirituosas.

« Um dia de manhã, estando eu ainda deitada, fui surprehendida com sua presença em meo quarto; meos cabellos ericarão-se, e eu tremia como um pequeno arbusto açoutado pelo tufão do Norte. Só um grande successo poderia levar-a tão cedo alli.

« Chegou-se a mim e disse-me bruscamente: — Laura, você está em idade de casar-se e achei

o marido que lhe convem. Hoje elle hade vir pedil-a a seo pai; veja lá o que faz.

« Senhora, respondi no cumulo da surpresa, não conheço esse homem, nem tenho vontade de casar-me!....

« Sem me dar tempo de concluir encarou-me ameaçadora, e disse-me: — Quero eu, e hade se fazer, quando não, teremos terriveis contas que ajustar.

« E aquella mulher mais fêra que as proprias fêras, retirou-se precipitadamente do quarto!

(*Continúa.*)

POESIAS.

A EXMA. SRA. D. S. A. G. D'A.

Eu vi-te á janella com a face apoiada
Na mão delicada, que outr'ora apertei;
E ao ver-te tão triste lembrei-me saudoso
Do tempo ditoso em que tanto te amei.

Amava-te tanto, com fogo tão puro,
Que via o futuro sorrir-se p'ra mim;
Passarão-se os tempos, e os tempos disserão
Que os gozos não erão venturas sem fim.

Como erão dourados os sonhos d'outr'ora
Que jazem agora p'ra sempre esquecidos!
Sinceros protestos que então se fizerão
Em breve só erão mil gozos mentidos.

Se ouvidos não desseis a vãoos preconceitos
D'amor saptisfeitos os votos serião;
E em doces enlevos gozando caricias,
Da vida as delicias por certo farião.

Amavas sincera, com fé e *constancia*
Sorria-te a infancia n'um céo de venturas;
Porem uma sombra de atroz *soffrimento*
Te deo em tormento crueis amarguras!...

E hoje cansada dos transe da sorte
Desejas a morte mas ella não vem;
Quem sabe donzella se um aureo futuro
Brilhando no escuro, venturas não tem?

Bem grata lembrança conservo na mente
Do amor vehemente que então mereci;
Agora só resta bem triste saudade,
E a terna amisade que sinto por ti.

J. SERGIO D'OLIVEIRA.

A TUPY.

(INDIGENA BRASILEIRA.)

Quando o sol se reclinava,
E nas vagas mergulhava
O seo fogo abrasador:
Quando as nuvens espargião,
Doce luz, que reflectião
Nas areias de ao redor:

Lá na selva adormecida,
N'álva rede comprimida
Vi deitada uma Tupy;
Onde geme mui fagueira
Nas ramas da caneleira
Pardacenta jurity.

Oh, meo Deos! como era bella
Sob as ramas da canela
Essa virgem de Tupá;
Pelo zephyro ameigada
Pelos cantos, embalada
Do canoro Subiá.

No seo braço recostava,
Rubra face que mostrava,
Candidez angelical;
Treme os cilios da Tupy
Com o trino do saby,
Que suspira no mangal.

A Tupy adormecida,
Era a rosa que esquecida
Dormitava no rosal;
Era a sylphide mimosa
Repousando mui saudosa
No seo leito virginal.

Fresca briza vacillante
Bafejava, e inconstante
Co'a india era a brincar;
Procurando com receio
Descobrir o branco seio
E seo fogo serenar.

Seos cabellos fluctuavão,
E na rede se occultavão
Entre as pennas de pavão;
Sua boca se entre-abria,
E seo halito exprimia
Suspirar o coração.

Lisa veste arregaçada,
Mostra a perna torçada,
Um portento de primor!
Os pésinhos abraçados,
Sobre a rede descansados,
Despertava-nos amor.

Oh, meo Deus como era bella,
Sob as rimas da canção,
Essa virgem de Tapá !
Como a'egre ella dormia,
E seo peito estremecia
Ao canto do Sabiá.

J. BARBOZA RODRIGUES.

Novembro de 1859.

A FRESCATA.

(sem pés nem cabeça.)

Meos senhores, *a gosto!*...

— Agosto! Se ainda agora chegamos a Maio, como podemos estar já em Agosto!

— Nada, meos Senhores, VV. SS. não me comprehendêrão, talvez por eu me querer explicar bem demais. O que eu quiz dizer, não foi que eramos chegados ao mez de Agosto do anno corrente, andante, ou coisa que melhor seja. Não, Senhores, isso tôra desejar que o tempo corresse muito depressa, o que (aqui para nós) era tão pouco agradável a vós, como a mim.

Com effeito, para que desejar ser velho, quando se é moço, se todas as flores da existencia são para estes e as dôres e soffrimentos, só o apaugio dos primeiros? Verdade é que a idéa de flores, vem logo associada a de espinhos, e que espinhosa que é muitas vezes a vida de um moço! Contrariedades de toda a casta; *illusões perdidas* (todos tem mais ou menos as suas *caraminholas*); namoros não correspondidos, e outros que taes pezares, fazem com que se prefira, apesar de todos os pezares, com honrosas excepções e nesse caso cá a pessoa, a paz e tranquillidade da velhice, á turbulenta e fogosa mocidade.

Não sei se será por essa razão que as crianças tem sempre tanto desejo de ser velhas, como não sei se vos contareo o mesmo que a mim: o que porém vos posso affiançar é que o meo maior desejo quando ainda nada era na ordem... dos *homens* (ah! pensavão que ia dizer *das coisas heim?*) era ter um bello bigode acompanhado da competome suíça! Como porém não tinha o *objecto de meos sonhos*, procuravá por todos os meios arranjar o appendice que me faltava e que eu julgava indispensavel para a minha felicidade. Ora com carvão, ora com...

— Basta! Basta! Vemos ao motivo porque nós o não comprehendemos. Basta de fallar de velhice e mocidade!

— *Os apartes prolongados não são permitidos!* Ordem, pois, Senhores; eu tenho a palavra e não façoes barulho porque senão...

— Senão o que?

— Senão calo-me, e VV. SS. fição sem saber o que eu pretendia dizer.

— Boa duvida! Se se calar, claro está que não fallará, e não fallando nada nos poderá dizer!

— Pois se duvidão, fação a experiencia: fação-me calar e depois verão!

— Ah! então continue! Continue! Vai muito bem! Bravissimo!

— Hem! Já vai assim! Está bom! Esperem!

— Continue! continue!

— Pois lá vai. A razão porque eu vos disse o tal *a gosto* que tanto vos deo no *gosto*, era o pedido que eu queria fazer-vos de vos não incommodardes para a leitura do que irá por ahí adiante. E' incrível a facilidade com que estes meos Senhores logo puxão para o mão lado a meuer expressão um tanto ambigua de quo qualquor escriptor...

— Orador, se faz favor.

— Escriptor ou orador, é tudo a mesma coisa: um falla pela boca...

— Pudêra! Pois havia de ser pelo nariz? E' engraçado!

— Senhores! VV. SS. hoje, perdoem a franqueza, estão muito *rombos!* Pois não permittem que me sirva de uma expressão figurada! Quando digo que o orador *falla pela boca*, é porque eu queria dizer que o escriptor *falla com a penna* ou *faz a penna fallar*. Eis ahí está onde eu queria chegar! Devo confessar, Senhores, que sois intolerantes em excesso! Quando hoje no mundo tudo é figurado, (menos as contradições francezas) em pleno seculo das luzes, é uma tyrannia a que exercéis sobre mim, pelor que a dos reis de Napoles, apesar do que disse um collaborador desta folha, um tal Sr. Jami (que pelo nome não peço!) Com effeito! O tal senhor é das *Aralias!* Pois não se lembra o meo amigo de querer ondeosar a Francisco II, o filho de um tyranno, tyranno junior, que queria continuar os despotismos do pai!...

A proposito, por fallar em Francisco II, que noticias ha do illustre rei dos Magicos? (não me estejam já perguntando se das *Magicos* tambem, porque eu declaro desde já que o homem é casto... em *magicaturas!*) Ouxi dizer que o homem tinha feito proesas, e que, como promettêra, tinha apresentado *noites de maravilhas e mysterios e folias*, que foi mesmo uma coisa nunca vista! Até deo uma pelotica de graça e que não estava no cartaz: foi a aparição de 2 policiees que o levirão para o xadrez da policiea, para divertimento dos pedestres e dos bombeiros do posto central. Talvez fosse bom que o homem se conservasse na gaiola por mais tempo para... pf... apagou-se-me a luz; boa noite, meos senhores, sem rancor ao todo vesso

Tenoniro.

UMA VICTIMA DO AMOR.

ORIGINAL BRASILEIRO.

(Continuado do n. 12.)

IX.

Era n'um sabbado á noite, dia do casamento de Emilia.

O salão e o jardim achavão-se phantasticamente illuminados. Por todas as partes se vião festões de flores que derramavão perfumes inebriantes, d'envolta com as essencias que exhalavão as damas, as quaes ricamente vestidas, atravessavão o salão em todas as direcções.

A casa de D. Maria era um jardim de fadas ! Era uma festa esplendida em louvor dos jovens concertes.

Davão sete heras, quando a chegada da emissiva do casamento se fez sentir pelo rodar dos carros que a compunhão.

Apenas chegados, foi Julio o primeiro a descer do carro, e a dar a mão á sua recente esposa; á martyr—Emilia—.

Doia o coração ao vê-la ! Pobre Emilia !

Era qual uma reprobta caminhando vacillante ao patibulo, cheia desse pavor fremente que se apodera das almas fracas !

No entretanto era um anjo, vestida toda de branco, com sua capella virginal na fronte mais pallida que a de Antony. Pobre Emilia !

Quanta dor não ia por aquelle peito de archanjo ! Mil vezes quizera ella cingir a corôa, e adornar-se com os symbolos da pureza para ir dormir em uma lage sepulchral !

Oh ! quantas vezes seo pensamento não se embebeo em negras conjuncturas !

Mas...ha occasiões e deveres que nos obrigão a contrariar todas as nossas aspirações, fazendo-nos emmurebeecer no peito todas as nossas crenças viçosas ! Oh ! ha deveres que nos obrigão a trocar o gozo pelo soffrer, o amor pelo odio, a vida pela morte ! Eis o que acontecia com Emilia.

Depois de todos terem des-cido dos carros, entráráo no salão, onde erão os noivos impacientemente esperados.

Chovião os beijos e es paralens á infeliz Emilia, quando um novo personagem entrando na sala, fel-a quasi desmaiar. Carlos entrava no salão. Estava todo vestido de preto e não se lhe via um só friso de outra qualquer cor em seo trajar.

Parecia uma mumia sahida do seo tumulo, ou a estatua do desespero; seo rosto era de uma pallidez sorprendente, seo olhar era esgazeado ; e em seos labios pairava um sorriso, cheio dessa amargura infernal que nos mata insensivelmente. Depois de haver a todos cumprimentado,

retirou-se ao logar mais ermo do salão, e ali se assentou.

Após a entrada de Carlos effectuou-se a de Henrique, que tambem fôra convidado a assistir ao brodio.

— O que tens, Carlos ? disse um mancebo de bigode retorcido, perfeito figurino de modas.

— Que pergunta, Ernesto !

— Admiras-te ? então digo-te que não tens espelho em casa. Estás secco como uma arvore em pleno inverno, amarello como pergaminho, e admiras-te por eu te perguntar o que tens !?

E o que lucras em sabe-lo ? demais, não posso satisfazer-te porque ... porque não posso.

E levantou-se, deixando Ernesto *estupefacto*. Indubitavelmente o rapaz está romantico como um Remeo, apaixonado como um Tasso, ou então perdeu a razão.

Mas Henrique que não perdia Carlos de vista, logo que o vio levantar-se, foi ao seo encontro.

— Que te succedeo ?

— Vamos para aquella janella ; preciso de ar.

— Mas o que foi ?

— Um importuno, um parasita, um não sei o que, que me interrogava sobre meos males.

— Para que cá vieste ? não te disse eu que fazias mal em vir ?

— Oh ! Henrique ! não deveria eu vel-a pela ultima vez ?

— Sempre assim ! E's uma criança !

— Oh ! quem me dera ser criança ! Quem me dera a innocencia dos meos primeiros annos ! Quem me dera essa tranquillidade pueril e des-cuidosa da infancia !

— Continua meo Abeillard, estou gostando de tuas lamentações. Aposto eu que Chatterton antes de suicidar-se não se desolava tanto !

— Podes apostar, mas não comigo, porque não comprehendes o que seja amor.

— Ah ! ah ! porventura não amo tambem ?

— Sim, amas essas Marion, essas Margaridas, que a poder de ouro e adornos, vendem-te os labios ainda humidos dos beijos de outrem.

Sim ! amas, se é amar, uma noite passada no regaço de uma impura, no offegar de sensações torpes, nos protestos de juras venaes !

— Adiante, disse Henrique.

— Ainda queres mais ?

— Se te parece....

— Não sabes, Henrique, o mal que me causas com teo cynismo !

— Fallemos então em Emilia, sim ?

— Não falles n'ella pelo amor de Deos, não me roubes o resto de alento de meo coração. Sabes ? tive um presentimento horrivel ! Sinto que não viverei um mez, tenho dores pelo peito, tenho tedio á vida, e aborreço até as mulheres,

— Não estou para aturar-te. Queres dançar uma quadrilha? é o que vou fazer.

— Pergunta ao moribundo se despreza a vida....

Henrique não o acabou de ouvir, dirigio-se a uma senhora que se dirigia tambem para elle e deo-lhe o braço.

— Ia em sua procura D. Amalia, não foi a primeira quadrilha que lhe pedi?

— Justamente; mas sou forçada a ir tocar, pois que o pianista tratado para esse fim ainda não chegou; portanto, peço-lhe desculpa.

— Então fico sem dançar, D. Amalia?

— Que quer? o mais que posso fazer é arranjar-lhe aquella dama.

E D. Amalia designava sorrindo uma *jovent* de sessenta annos, alta, esmarrada, de rosto moreno-escuro, olhos vivos, e impetigada como uma cegonha.

— Dansarei com ella, se a senhora dansar tambem com o espirituoso, e muito nosso conhecido Moraes. Concorda? disse, Henrique.

— Antes uma forte dor de dentes! disse D. Amalia caminhando para o piano.

— Eis-me pois sem par!

— E' para não ser fallador, murmurou o Sr. Moraes que estava por detrás de Henrique e ouvira toda a conversação.

— Desculpe-me Sr. Moraes, ás vezes certas pessoas nos veem tão a proposito para uma comparação, que não podemos deixar de *aproveital-as*: ora o Sr. estava no caso vigente, e eis o motivo que me levou a nomeal-o.

— Desejo, pois, que me poupe o mais que puder.

— Henrique, não dansas? perguntou um *laponio* de cabellos grisalhos, e com pretensões a moço.

— Não, prefiro observar.

— Fazes mal; a dança é o prazer das pernas como a rede é o do indio.

X.

Começou a primeira quadrilha. Emilia dançava com Julio. Em seo rosto não despontava um só vislumbre de prazer.

De quando em quando levantava seos bellos olhos procurando alguém; mas de nenhuma das vezes deparou com quem procurava.

Carlos, por seo turno não desprezava os olhos de Emilia, pois estava em um lugar, que podia observal-a sem ser visto.

Antes de acabar a primeira quadrilha, Carlos se retrou á ante-sala, onde se assentou em uma cadeira, entregue nos mil e tumultuosos pensamentos que lhe assaltavão á mente. Era um martyr inflingindo a si proprio o castigo que não merecia!

Porque iria elle assistir ao casamento de Emilia?

Primeiro, para cumprir com a sua palavra; e segundo, para se extasiar pela ultima vez ante os innumerados encantos que formavão o todo d'aquelle anjo!

Era como um adeos de despedida do pobre proscripto que se vai ausentar para sempre de seus caros penates.

Era como o adeos ao mundo, do condemnado. Era como o som longinquo da celeuma do maritimo que se vai pelas montanhas do mar, entregue aos caprichos da sorte! Era o adeos de Tasso a Leonora! Seo craneo, era uma alampada no seo ultimo bruxulear, seo peito, um acervo de dores e fel, uma harpa de cordas embotadas, que ao mais leve vibrar, uma a uma se estalão!

Estava pois, solitario, e mergulhado nas suas cogitações, quando a musica parou, e os convidados começarão a ser servidos de doces e chá; e quando ouviu o farfalar de um vestido de seda, e de repente o reposteiro se alevantar, e dar passagem á Emilia, que vinha enchugando as lagrimas que manavão de seos olhos bellos.

Emilia não deo fé de Carlos, este, porém, satisfeito de poder fallar-lhe a sós, adiantou-se para ella, e com voz lugubre, disse:

— Para que chorar, D. Emilia?

— Senhor.... deixe-me, não pense mais em mim...

Impossivel! Emilia; deixa-me pela ultima vez que te fallo, fallar-te assim. Amanhã, talvez, quem sabe? meos labios não poderão pronunciar mais o teu nome!

— Por piedade, Sr. Carlos; não posso ouvir-o. Ha uma hora que jurei em face de Deus, não amar senão a meo marido.

— Não é o teu amor o que peço Emilia, é sim a tua mão, para n'ella depositar um osculo que te faça sempre lembrar de minha passagem no mundo! De mim, que te amei tanto, e não pude receber o premio de meo amor! Emfim quero dizer-te o ultimo adeos, quero cantar-te o ultimo poema de miha vida!

Carlos cessou de fallar; seo peito arquejava a custo; seo corpo estava n'um tremor convulsivo, e seos olhos fixos em Emilia, que de olhos baixos, parecia a victima das hecatombes, esperando o instrumento fatal que a deve fulminar.

— A tua mão, Emilia. E' o adeos de despedida de um moribundo.

E Emilia por um gesto machinal, offereceo a mão direita a Carlos que soffrego depositou nella o ultimo atomo de vida que lhe restava no peito.

— Adeos! Emilia! Até a eternidade!

E desapareceo.

(Continia)

RIO DE JANEIRO.

Typ. de Pinheiro & C^a, rua do Cano n. 465